

## (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE PEQUENA E DINÂMICA URBANO-REGIONAL NO RECÔNCAVO BAIANO

Maiara Cerqueira Leandro <sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é pensar a dinâmica de (re)produção do espaço na cidade de São Felipe e suas interações espaciais na rede urbana do Recôncavo Baiano. Os procedimentos metodológicos utilizados pautaram-se em leituras e fichamentos sobre o debate da urbanização contemporânea e a dinâmica urbano-regional das cidades pequenas, suas particularidades e complexidades em meio ao processo de reprodução das relações socioespaciais. Referenciados com base em autores como Lefebvre (1999); Sposito (2001); Santos (2019; 2010) que contribuem com o estudo das relações entre formas e conteúdo da urbanização, produção do espaço e dinâmica urbana. Endlich (2006); Bernadelli (2004); Sposito e Jurado da Silva (2013); que apontam perspectivas teórico-metodológicas para compreensão das transformações socioespaciais nas cidades pequenas, entre outros. Pesquisa documental e *in loco*; instrumentos de coleta de dados com a aplicação de questionários por domicílios; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados. Para tanto, os resultados alcançados revelam a importância da análise da (re)produção do espaço da cidade pequena e sua dinâmica urbano-regional, em meio as transformações na urbanização contemporânea. Ao apontar à realidade de uma cidade pequena como São Felipe, influenciada pelas relações de interdependência com o espaço rural e as complexas relações das formas-conteúdo com particularidades que lhes são próprias, sem desconsiderar a influência com outras cidades em função das relações de interdependência e articulação na rede urbana do Recôncavo Baiano.

**Palavras-chave:** Produção do espaço, Urbanização, Rede urbana, São Felipe-BA.

### ABSTRACT

The objective of this work is to think about the dynamics of (re)production of space in the city of São Felipe and their spatial interactions in the urban network of Recôncavo Baiano. The methodological procedures used were based on readings and records on the debate on contemporary urbanization and the urban-regional dynamics of small cities, their particularities and complexities amid the process of reproduction of socio-spatial relations. Referenced based on authors such as Lefebvre (1999); Sposito (2001); Santos (2019; 2010) that contribute to the study of the relationships between forms and content of urbanization, space production and urban dynamics. Endlich (2006); Bernadelli (2004); Sposito e Jurado da Silva (2013); which point out theoretical-methodological perspectives for understanding socio-spatial transformations in small cities, among others. Documentary and on-site research; data collection instruments with the application of questionnaires per household; mapping, organization and systematization of information; and, analysis of results. To this end, the results achieved reveal the importance of analyzing the (re)production of small city space and its urban-regional dynamics, amidst the transformations in contemporary urbanization. By pointing to the reality of a small city like São Felipe, influenced by relations of interdependence with rural space and the complex relations of forms-content with particularities that are their own, without disregarding the influence with other cities due to relations of interdependence and articulation in the urban network of Recôncavo Baiano.

**Keywords:** Space production, Urbanization, Urban network, São Felipe-BA.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, [maiara-sf@hotmail.com](mailto:maiara-sf@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Diante da heterogeneidade urbano-regional, a análise geográfica das pequenas cidades na rede urbana apresenta-se como um desafio para os estudos da Geografia Urbana quanto à interpretação de realidades tão diversas e complexas. O objetivo desta pesquisa é pensar a dinâmica de (re)produção do espaço na cidade de São Felipe<sup>2</sup> e suas interações espaciais na rede urbana do Recôncavo Baiano. Este trabalho é produto de debates, pesquisa empírica e reflexões teóricas abordados na pesquisa de mestrado da autora, que tratou, entre outras questões, da reprodução do espaço na cidade pequena em meio as formas de representações socioespaciais e apropriação das práticas cotidianas. Além de novas reflexões sobre a influência das pequenas cidades na rede urbana regional, abordadas atualmente no desenvolver da tese de doutorado.

Parte-se da perspectiva de entendimento das cidades pequenas em sua ampla dimensão geográfica, ao ressaltar a sua importância na formação da rede urbana em totalidade, não apenas vista como um “nível inferior” na hierarquia da rede de cidades, mas, como espaços interescares funcionalmente articulados, que se formam, complementam e possibilitam a reprodução do urbano. Por assumirem funções tão complexas quanto as outras dimensões de cidades no que se refere as relações socioeconômica, espacial, cultural e política.

Nesse sentido, o entendimento da rede urbana é parte da leitura da realidade geográfica no espaço e no tempo, que conforme Ferreira (2010), seu estudo e compreensão devem transitar por diferentes escalas, agentes e processos que reproduzem a rede de cidades. Como esclarece Sposito (2001, p. 626), “a compreensão do processo de urbanização é fundamental para se entender como se estrutura ou por que não se estrutura uma rede urbana, em um dado território e período [...]”, bem como as articulações espaço-temporais entre urbanização e cidades, que possibilitam uma análise mais profunda do papel que desempenham na divisão regional, nacional e internacional do trabalho.

Com a urbanização, a produção do espaço se estende, redefinindo as formas, as funções, as estruturas e os processos de formação socioespacial das cidades, inseridas no próprio movimento desigual e contraditório da reprodução do capital. Movidas pelas necessidades e contradições espaciais da acumulação capitalista. E nesse contexto, é preciso apreender as

---

<sup>2</sup> Este artigo é resultado de uma parte da pesquisa de mestrado da autora e de novas abordagens sobre a influência das pequenas cidades na rede urbana regional, desenvolvidas atualmente na tese de doutorado. Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

transformações na urbanização das cidades pequenas, que apresentam particularidades e intensidades diferenciadas, sobretudo, por apresentarem uma “[...] dimensão espacial específica” e “[...] uma totalidade particular que a anima e a movimenta no processo de produção capitalista, na formação socioespacial e no desenvolvimento desigual e combinado [...]” (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 17).

Presente na problemática desta pesquisa, São Felipe, como nível de análise da realidade empírica, contribui com o estudo de novas questões a propósito da dinâmica de reprodução do espaço da cidade pequena na rede urbana regional. São Felipe está localizada no Território de Identidade Recôncavo do Estado da Bahia. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), o município tinha uma população de 20.305 e, a população no último Censo Demográfico de 2022, foi de 20.283 habitantes. Com população urbana de 9.820 (48,36%) pessoas, 9.517 residentes na sede, e a população rural com 10.485 (51,64%) habitantes (IBGE, 2010). Em contraposição às tendências do processo de urbanização vivenciado no Brasil nos últimos anos, a concentração populacional em sua área rural ainda é predominante, e as relações entre o campo e a cidade são completamente imbricadas, inteiramente articuladas ao processo de reprodução do espaço urbano, onde o comércio gira em torno da agricultura.

Nesse sentido, os resultados alcançados revelam a importância da análise da (re)produção do espaço da cidade pequena e sua dinâmica urbano-regional, em meio as transformações na urbanização contemporânea. Ao apontar à realidade de uma cidade pequena como São Felipe, influenciada pelas relações de interdependência com o espaço rural e as complexas relações das formas-conteúdo com particularidades que lhes são próprias, sem desconsiderar a influência com outras cidades em função das relações de interdependência e articulação na rede urbana do Recôncavo Baiano.

Além desta introdução e das considerações finais este artigo está dividido em duas partes. O primeiro tópico apresenta uma abordagem sobre o processo de urbanização e a produção do espaço na cidade pequena e, o segundo, trata-se dos resultados e discussão sobre a dinâmica de (re)produção do espaço na cidade de São Felipe e suas interações espaciais na rede urbana do Recôncavo Baiano.

## **METODOLOGIA**

Durante a pesquisa teoria e empiria caminharam juntas, pois buscou-se considerar a história e a materialidade das relações espaciais (re)produzidas nas cidades pequenas em meio ao processo de formação socioespacial e suas transformações na urbanização contemporânea.

Os procedimentos metodológicos utilizados pautaram-se em leituras e fichamentos sobre o debate da urbanização e a dinâmica urbano-regional das cidades pequenas, suas particularidades e complexidades em meio ao processo de reprodução das relações socioespaciais.

Referenciados com base em autores como Lefebvre (1999); Sposito (2001); Santos (2019; 2010) que contribuem com o estudo das relações entre formas e conteúdo da urbanização, da produção do espaço e da dinâmica urbana. Endlich (2006); Bernadelli (2004); Sposito e Jurado da Silva (2013); Moreira Junior (2014), que apontam perspectivas teórico-metodológicas para compreensão das transformações socioespaciais nas cidades pequenas, processo de formação socioespacial e suas influências na rede urbana regional; e Santos (1959) com reflexões sobre a rede urbana do Recôncavo Baiano, entre outros. Pesquisa documental e *in loco*; instrumentos de coleta de dados com a aplicação de questionários por domicílios; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados.

## **URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE PEQUENA**

Entende-se a urbanização como um processo complexo, contraditório e articulado, que influencia na materialização das cidades e mudanças na composição dos seus diferentes espaços na rede urbana. Daí a necessidade de entendimento dos conteúdos das cidades e suas dinâmicas urbano-regional, econômica, política e social que se diferenciam, articulam-se espacialmente e revelam particularidades e transformações socioespaciais para além da hierarquia entre centros urbanos. De acordo com Sposito (2004) e Santos (2020), é preciso superar o uso reducionista do termo urbanização como sinônimo de crescimento da população urbana, dotação de infraestrutura ou associação ao aumento na taxa de urbanização, dentre outras expressões. Para que se possa compreender a complexidade desse processo, “[...] com base na discussão sobre as múltiplas transformações que ocorreram na relação entre a Sociedade e a Natureza ao longo da história, o que pressupõe uma divisão técnica, social e territorial do trabalho” (SANTOS, 2020, p. 3).

Em função dessa relação entre a sociedade e a natureza, caracterizada pela divisão do trabalho, os espaços urbano e rural se materializam face as relações humanas, suas necessidades e a divisão territorial do trabalho, que dão forma e sentido à cidade e o campo em meio ao desenvolvimento do trabalho, da técnica e das funções atribuídas para reprodução do capital. Ao estudar a renda da terra, Martins (1994) já apontava a terra como instrumento fundamental de produção no campo, e é pelo trabalho que se dar a sua transformação.

E a cidade, para Carlos (2007a, p.50, grifo da autora) “[...] é antes de mais nada trabalho *objetivado, materializado*, que aparece através da relação entre o “construído” (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o “não-construído” (o natural), de um lado, e do movimento, do outro [...]” (deslocamento de homens, mercadorias e a articulação entre diferentes momentos históricos no tempo-espaço). Uma vez que para além da sua materialidade, a cidade é meio, condição e produto da sociedade, por se tratar da dimensão socioespacial prática e sensível de reprodução das relações sociais e de troca no espaço socialmente construído.

Nesse sentido, com a urbanização a produção do espaço se estende, redefinindo as formas, as funções, as estruturas e os processos de formação socioespacial das cidades, inserida no próprio movimento desigual e contraditório da reprodução do capital. E pensar as pequenas cidades diante desse contexto, é o desafio que se apresenta, sobretudo, devido a expressividade geográfica desses pequenos centros urbanos, e que aponta à necessidade de interpretação das relações espaciais dessas pequenas cidades na rede urbana como possibilidade de entendimento da realização do urbano em sentido amplo. Como apontava Lefebvre (1999), o devir da urbanização completa da sociedade em curso, que não é sinônimo de industrialização, mas apresenta conteúdos que precisam ser revelados com a leitura do movimento de mudanças da cidade em diferentes escalas.

No campo da ciência geográfica, pesquisadores como Bernadelli (2004); Endlich (2006); Bacelar (2008); Roma (2008); Jurado da Silva (2011); Moreira Júnior (2014); entre outros, atualmente, têm avançado na discussão teórico-metodológica sobre esses pequenos centros urbanos tão diversos e complexos, mas, que ainda apresentam certa indefinição conceitual. Todavia, cabe destacar que, independentemente do porte e/ou dimensão territorial, tanto as metrópoles, os médios e os pequenos centros urbanos são cidades.

No Brasil, os critérios oficiais adotados definem cidade como toda e qualquer sede do município, vinculada à esfera política-administrativa, indiferente de suas características qualitativas ou quantitativas, conforme estabelece o Decreto da Lei nº 311, artigo III, de março de 1938. O que já aponta uma problemática teórico-conceitual para se pensar a diversidade de cidades diante de um país com grande dimensão territorial e diversas características regionais. Desde a heterogeneidade dos processos de formação socioespacial dos municípios e consequentemente de suas sedes; as particularidades nas formas de regionalização e desigual distribuição espacial brasileira; as implicações da divisão territorial do trabalho e do modo

capitalista de produção; e as transformações socioespaciais, políticas e econômicas na urbanização contemporânea.

Para tanto, deve-se compreender que para além da noção político-administrativa adotada pelo governo, a cidade é construção socioespacial materializada, dimensão real e concreta da vida humana em transformação no espaço-tempo. Cada cidade representa uma totalidade desses diferentes processos imbricados na produção do espaço. Logo, o que acontece nas metrópoles e grandes cidades, também, ocorre em outra escala nas pequenas cidades. Mas, há processos que acontecem nas pequenas e médias cidades que não se explicam em processos metropolitanos, pois, as práticas espaciais e as lógicas reproduzidas no cotidiano apresentam particularidades e especificidades que devem ser consideradas. Como o conjunto de alterações pelas quais as pequenas cidades passaram e passam: “[...] a) nos papéis que desempenham na rede urbana; b) no conteúdo da dinâmica intraurbana; c) na lógica da estruturação interna; e d) nos aspectos socioculturais e políticos que (re)definem suas relações” (SANTOS, 2019, p. 69).

Ressalta-se assim, a necessidade de compreensão da realidade concreta da cidade e do conteúdo urbano para além da sua morfologia urbana, que não se reduz apenas a lógica formal da sede do município, mas a um conjunto de fatores e elementos que compõem o caráter urbano e sua dimensão sociopolítica (dinâmica urbano-regional, relações econômicas, sociais, políticas, funções e equipamentos urbanos, participação na rede urbana, entre outros). Uma vez que a cidade é construção histórica mediada por contradições em meio ao processo de formação e transformação de suas formas “prático-sensíveis” ligadas ao modo de produção, e ao mesmo tempo, é a expressão dos movimentos de reprodução da vida, uma interação entre a ordem distante – mediada pelo modo de produção capitalista; e a ordem próxima – lugar dos acontecimentos experienciados pelos indivíduos (LEFEBVRE, 1999).

Desse modo, a cidade deve ser apreendida enquanto um conceito e uma realidade ao mesmo tempo (SPOSITO, 2004). O que nos possibilita refletir sobre a importância da fundamentação teórico-metodológica para compreensão da análise empírica, ao dialogar com a realidade concreta da cidade em suas diferentes dimensões, visto que cada dimensão espacial apresenta características específicas e particulares com relação aos seus processos de formação, formas, funções e estruturas que se articulam na rede urbana. E ao tratar das pequenas cidades, na análise, não se pode perder de vista essa dimensão da totalidade de processos na urbanização.

Por sua vez, o processo de urbanização recente nas pequenas cidades implica em mudanças no tecido social e urbano, as quais revelam novas formas de diferenciações com relação ao uso e ocupação do solo se constituindo. Logo, ao se questionar a produção do espaço das pequenas cidades na conjuntura da formação socioespacial em meio ao processo de

urbanização da sociedade, “[...] deve-se ter em mente a resposta à questão, inicialmente: onde e quando? Isso porque “onde” se refere à inserção geográfica da análise da cidade e “quando” a uma expressão temporal, da realização da urbanização e de seu entendimento em compreensão histórica (JURADO DA SILVA, 2011, p. 55).

Não se pode perder de vista, que cada cidade assume uma função principal que interfere diretamente no papel desempenhado pela divisão territorial do trabalho na dinâmica urbano-regional. Especialmente, ao pensar a relação campo-cidade historicamente imbricada nesses pequenos centros urbanos onde a “[...] relação com o campo compõem um primeiro patamar de localidades na rede urbana” (ENDLICH, 2006, p. 86). E as funções que passam a desempenhar estão diretamente articuladas ao conteúdo das relações socioespaciais da produção do espaço, no contexto das formações socioespaciais e suas transformações na urbanização, que regionalmente apresentam diferenças.

Nesse sentido, com a análise dos resultados e discussão no próximo tópico, busca-se problematizar as dinâmicas de (re)produção do espaço na cidade de São Felipe e suas interações espaciais na rede urbana do Recôncavo Baiano. O que põe no centro do debate, as articulações de particularidades dessa cidade no que diz respeito a sua inserção na rede urbana, a formação socioespacial, a relação campo-cidade, as mudanças econômicas, sociopolíticas e as relações de interdependência de São Felipe nessa rede de cidades, especificamente, com Santo Antônio de Jesus.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com o desenvolvimento desta pesquisa, os resultados alcançados permitem refletir a respeito da complexidade das relações espaciais presentes numa cidade pequena, desde as características do processo de formação socioespacial, da divisão territorial do trabalho, das funções na rede urbana regional e às transformações na urbanização contemporânea. Ao apontar algumas reflexões sobre a (re)produção do espaço na cidade de São Felipe e suas interações espaciais na rede urbana do Recôncavo Baiano.

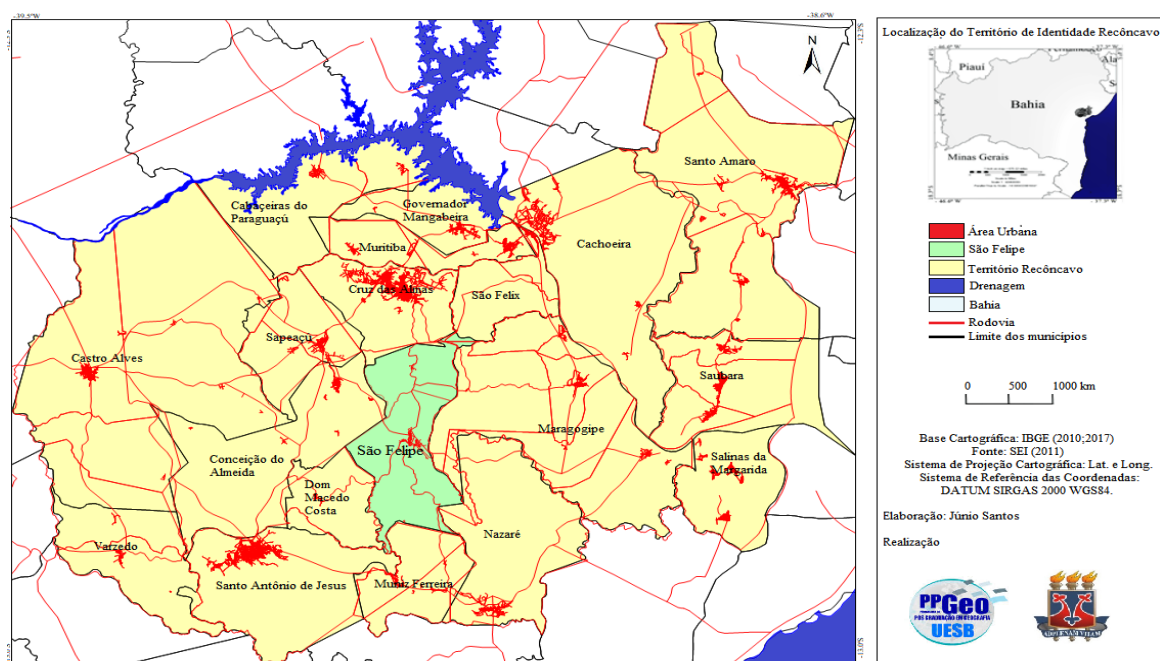
São Felipe começa a se formar em 1678, com a ocupação das terras pelos primeiros colonizadores, os irmãos Tiago e Felipe Dias Gato, parentes próximos de Bartolomeu Gato, renomado fazendeiro de Maragogipe. Em função das plantações cultivadas e da concentração de pessoas que começaram a ocupar essa região, deu-se início a construção das primeiras moradias que deram origem ao povoado, e em 1681 foi edificada uma capela sob a invocação dos apóstolos São Filipe e São Tiago que se tornaram padroeiros dessa localidade (IBGE, 1958).



Como parte da freguesia de Maragogipe, criada em 1698, São Felipe foi crescendo até que foi elevada à freguesia em setembro de 1718, sob o governo de D. João V. A elevação à categoria de vila se deu com base na Lei nº 1.952, em 29 de maio de 1880, com a criação do município, desmembrado de Maragogipe. E em 30 de março de 1938, a sede foi elevada à categoria de cidade. Administrativamente, São Felipe era composto pelos distritos Dom Macedo Costa<sup>3</sup>, São Felipe (sede) e Caraípe, conforme Lei nº 628 de 30 de dezembro de 1953 (IBGE, 1958). Atualmente, apenas a Vila Caraípe permanece como distrito de São Felipe.

A cidade de São Felipe está localizada na região do Recôncavo Baiano (Mapa 1). O município concentra população absoluta de 20.283 habitantes, segundo dados do último Censo Demográfico (IBGE, 2022). Trata-se de uma cidade com menos de dez mil habitantes (9.820 pessoas), e população rural predominante (10.485 habitantes) (IBGE, 2010). Como já pontuado anteriormente, a variável demográfica não deve ser um fator determinante para análise das pequenas cidades, mas, essa variável em conjunto com os conteúdos sociais e as funções desempenhadas pela cidade, são elementos indispensáveis para compreensão e caracterização da dinâmica urbana, diante das transformações ocorridas com o processo de urbanização e suas influências na rede urbana do Recôncavo Baiano.

Mapa 1 – Localização de São Felipe no Território de Identidade Recôncavo, Bahia.



Fonte: Mapa elaborado por Júnio Santos (LEANDRO, 2020).

<sup>3</sup> Esse distrito foi desmembrado de São Felipe e elevado à categoria de município em 04 de abril de 1962, pela Lei Estadual nº 1652.



Quanto à rede urbana do Recôncavo Baiano, cabe considerar a relação de interdependência entre as cidades, não somente pela satisfação das necessidades de bens e serviços, mas por articulações mais amplas que competem mudanças de funções urbanas que foram adquiridas ou se perderam com o passar do tempo (LEANDRO, 2020). Com isso, a importância de verificar as transformações nas cidades que compõem a trama reprodutiva da rede urbana em diferentes espacialidades e temporalidades.

Mesmo com o processo de urbanização que se intensifica no país a partir de 1970 (população urbana supera a população rural no Brasil), na rede urbana do Recôncavo Baiano esse processo não se consolida de forma geral, muitos municípios, atualmente, ainda possuem população rural superior à urbana, como o exemplo de São Felipe, objeto de análise desta pesquisa. Parte-se do pressuposto, que tal fato está diretamente associado à forte relação de dependência dessas cidades com às atividades agrícolas como principal base econômica do município, e conseqüentemente com o predomínio da ocupação do setor primário no conjunto das atividades econômicas.

Por sua vez, se levar em consideração apenas a variável demográfica, conforme a análise quantitativa do IBGE, praticamente todas as cidades da rede urbana do Recôncavo Baiano são classificadas como pequenas, a exceção de Santo Antônio de Jesus, com população de 103.055 habitantes segundo o último Censo Demográfico de 2022. Que tem se consolidado como centro de maior atração de pessoas e de maior influência na rede urbana com relação às outras cidades, mais próxima das funções desempenhadas por uma cidade média devido ao fortalecimento do seu papel de intermediação (LEANDRO, 2020). Para tanto, destaca-se a necessidade de compreender as particularidades dessas cidades, levando em consideração as funções que desempenham na rede urbana, bem como a relação com os conteúdos de sua dinâmica urbana.

Se traçarmos uma linha do tempo desde o período da colonização, pode-se observar que as transformações entre as cidades não são homogêneas, e a depender das condições de produção e de reestruturação do capital, as funções e papéis desses centros urbanos se modificam. No período do Recôncavo canavieiro, fumageiro e das articulações comerciais pelos portos, cidades como Cachoeira, Santo Amaro, mantinham destaque em relação a outras cidades na região. Santos (1959) afirma que, na primeira metade do século XX, Cachoeira ocupava a quinta posição na estrutura hierárquica da rede urbana do Recôncavo, enquanto Santo Antônio de Jesus era considerada um centro local e ocupava a sétima posição na rede.

Para tanto, com as transformações nas relações de produção, sobretudo, dos transportes, novas relações espaciais são estabelecidas entre essas cidades na região. Primeiramente, com a

implantação da rede ferroviária que passou a dinamizar as relações de circulação entre pessoas e mercadorias, especificamente, dos produtos agrícolas, possibilitando maior integração regional e aparecimento de novas cidades. Como o caso de Santo Antônio de Jesus, que ainda no século XIX, com a implantação da estrada de ferro *Tram Road*, se constituía como um importante entreposto comercial (SANTANA; MARENGO, 2012).

Por conseguinte, com “a instalação da Petrobras na década de 1950, a desvalorização do açúcar e do fumo no comércio internacional mais a reestruturação viária – com a construção da BR 101, particularmente, e da BR 116, que deixaram as ferrovias em segundo plano [...]”, bem como a desativação do porto São Roque-Paraguaçu, ocorreu um declínio de núcleos urbanos tradicionais. Como os exemplos das cidades de Cachoeira e Santo Amaro, que “se tornaram centros repulsores de população, ao mesmo tempo em que ocorria a ascensão de outros núcleos vinculados aos novos sistemas de transporte que ligavam a Região Centro-Sul do Brasil ao Nordeste” (SANTANA; MARENGO, 2012, p. 39). Esse processo está ligado ao período de crise do capital comercial e das condições de reestruturação produtiva para circulação de capital, e os próprios desdobramentos na perda de poder do Recôncavo Baiano. Logo, há um movimento a ser apreendido, a forma como o capital dessa estruturação produtiva passa a ser investido nas cidades.

Como exemplo das mudanças que ocorreram em Santo Antônio de Jesus, que até a década de 1950, era uma cidade pequena marcada por uma nucleação urbana com características de local dormitório e oferecimento de serviços básicos para a população local. Todavia, com o processo de estruturação produtiva e dos meios de transporte, desde a implantação da ferrovia e posteriormente da rodovia, esta cidade torna-se um entroncamento rodoviário com aumento da circulação dos fluxos de mercadorias e pessoas, bem como o crescimento desse centro urbano. E no contexto da importância do par de articulação entre cidade e região para compreensão das cidades médias e pequenas proposto por Sposito (2009), podemos afirmar que Santo Antônio de Jesus se destaca por adquirir funções de comando na região em que está inserida e pelo seu papel de intermediação entre cidades pequenas e grandes.

Para tanto, são por meio dessas articulações decorrentes das transformações na formação socioespacial das cidades, da divisão territorial do trabalho e das novas dinâmicas de produção na estruturação urbana, que a rede de cidades vai se constituindo nessa região. Como esclarece Santos (2012, p. 135. Grifo do autor), “no contexto que se iniciou em 1940 e foi até o final da década de 1960, superou-se a fase que pode ser denominada como *urbanização pretérita* da Bahia”. Dando início ao processo de estruturação em curso das cidades com a

presença de novos conteúdos, que vão além dos marcos anteriores marcado pela força das atividades agropecuárias.

Nesse sentido, ao analisar a dinâmica de (re)produção do espaço na cidade de São Felipe e suas interações espaciais na rede urbana do Recôncavo Baiano, considera-se que ela tem sua importância quanto à função exercida no contexto socioespacial em que está inserida, com características particulares em relação às atividades desenvolvidas, bem como estabelece relações e sofre influência de outras dinâmicas de cidades. E com relação aos estudos desenvolvidos pela “Região de Influência das Cidades” (REGIC, IBGE, 2008), São Felipe é considerada um “Centro Local” com pequena expressividade dentro da rede de influências de hierarquia urbana, por apresentar uma centralidade funcional e de atuação concentrada no próprio município. Quanto à rede urbana do Recôncavo Baiano cabe considerar a relação de interdependência entre as cidades, não somente pela satisfação das necessidades de bens e serviços, mas por articulações mais amplas que competem mudanças de funções urbanas que foram adquiridas ou perderam com o passar do tempo.

No contexto de São Felipe, destaca-se a realidade de uma cidade pequena com sua especificidade de produção, consumo e (re)produção do espaço urbano diretamente influenciado pelo setor primário. As atividades agrícolas desenvolvidas no município ainda representam a ocupação da maioria da população e impulsionam a vida comercial no centro urbano, juntamente, com as ocupações provenientes do comércio local e serviços (especificamente, públicos). Por sua vez, os maiores consumidores dos serviços oferecidos na cidade de São Felipe são os próprios moradores dos seus espaços urbano e rural, bem como, a especialização das atividades nos setores secundários e terciários estão intimamente vinculadas com o rural.

Em contraposição às tendências do processo de urbanização vivenciado no Brasil nos últimos anos, a concentração populacional nas áreas rurais de São Felipe ainda é predominante com relação à população urbana. Isso é um fato, por mais que a população rural venha decrescendo desde a década de 1940 até 2010, conforme a (Tabela 1).

Tabela 1 – População total, rural, urbana e taxa de urbanização São Felipe, Bahia, 1940-2010

<b>Período</b>	<b>População total</b>	<b>População rural</b>	<b>População urbana<sup>1</sup></b>	<b>Taxa de urbanização<sup>2</sup> (%)</b>
1940	25.917	24.131	1.786	6,89
1950	25.343	23.502	1.841	7,26
1960	24.681	22.345	2.336	9,46
1970	19.205	15.524	3.681	19,17
1980	18.680	13.663	5.017	26,86
1991	20.107	13.201	6.906	34,35
2000	20.228	11.978	8.250	40,79
2010	20.305	10.485	9.820	48,36

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Notas: 1- São incluídas as pessoas que vivem nas sedes de outros distritos e povoados;

2 - Percentual da população urbana sobre a total;

Elaboração: Maiara Leandro.

Verifica-se que o crescimento da população urbana de São Felipe é contínuo, enquanto há perda demográfica no campo. As áreas rurais apresentam decréscimo contínuo da população desde a década de 1940, quando contava com 24.131 habitantes e, em 2010, a população do campo computou 10.485 pessoas. Tal fato pode estar relacionado ao processo de urbanização que começava a se inserir no país, principalmente, a partir da década de 1960. Conforme os dados da Tabela 1, a contar dessa década, há redução da população rural de forma mais intensificada. Consequentemente, as taxas de urbanização a partir da década de 1970, também, começam a apresentar crescimento mais elevado, atingindo 48,36% em 2010.

Todavia, observa-se que na década de 1970 o município apresentou redução elevada de sua população total, de 24.681 habitantes correspondentes a década de 1960, passou para 19.205 habitantes em 1970. Aponta-se como caso específico de São Felipe que esse fator está relacionado, também, ao desmembramento de seu antigo Distrito Dom Macedo Costa, que foi elevado à categoria de município, pela Lei Estadual nº 1652, de 04 de abril de 1962.

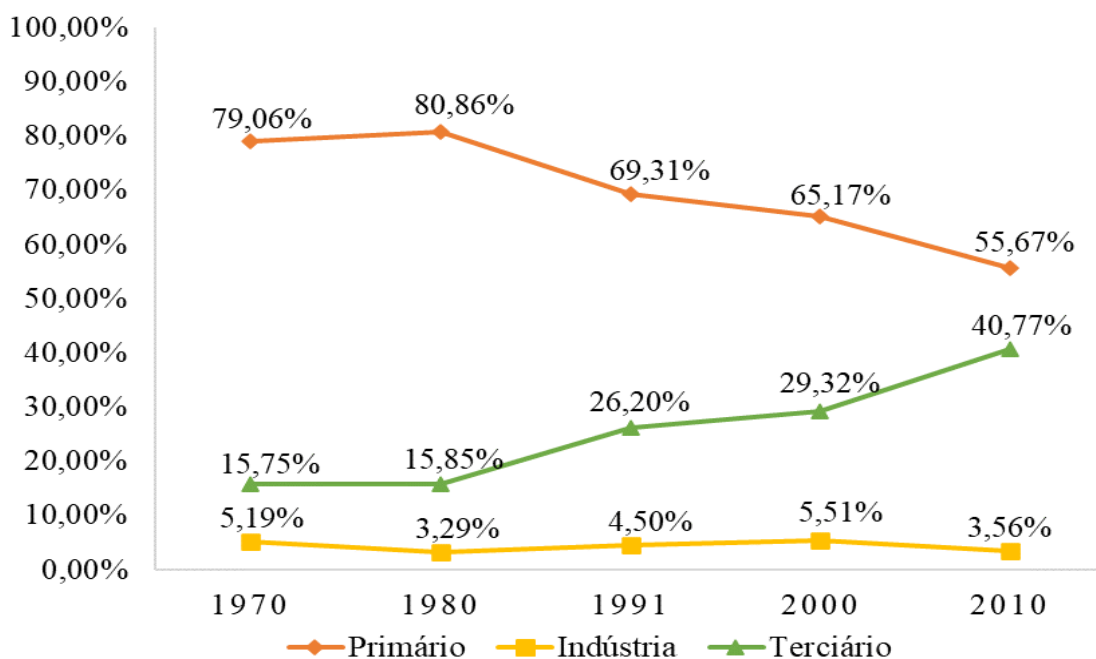
Melo (2008, p. 183) corrobora com a análise, ao afirmar que o movimento de saída da população do campo para a cidade e de pequenas cidades para médias e grandes, em todo o país, se intensificou na segunda metade do século XX, principalmente nos anos de 1970 e 1980. Entretanto, esse processo de perda populacional nos municípios de pequeno porte “[...] foi mais expressivo na população rural e, sua explicação não se dissocia das mudanças ocorridas na sociedade, economia, política, cultura, bem como nos espaços urbanos e rurais”. Pode-se comprovar essa afirmação com a realidade apresentada no município de São Felipe (Tabela 1), no período de 1940 a 2010, a população rural obteve redução de aproximadamente 56,55%, em



1940 apresentava população rural de 24.131 habitantes, em 2010, a população correspondente foi de 10.485 pessoas.

Por sua vez, o predomínio da população rural em São Felipe possui relação intrínseca com o campo, devido a base econômica do município ser predominantemente agrícola e os dados da ocupação da população por setor de atividade econômica acabam por confirmar essa realidade. O setor primário ainda se destaca como condutor da dinâmica econômica de produção do espaço em São Felipe (Gráfico 1). As informações sobre a ocupação da população revelam um percentual predominante de trabalhadores vinculados às atividades primárias, visto que, em 2010, 55,67% estavam ocupados na agricultura, extrativismo ou pesca, e 40,77% no setor terciário - comércio ou serviços (IBGE, 2010). Contudo, no que se refere aos valores do Produto Interno Bruto (PIB) por setores, esses devem ser relativizados, principalmente, porque o valor agregado da agricultura é baixo.

Gráfico 1 – Percentual da população ocupada, por setores de atividade econômica, São Felipe, Bahia, 1970 – 2010



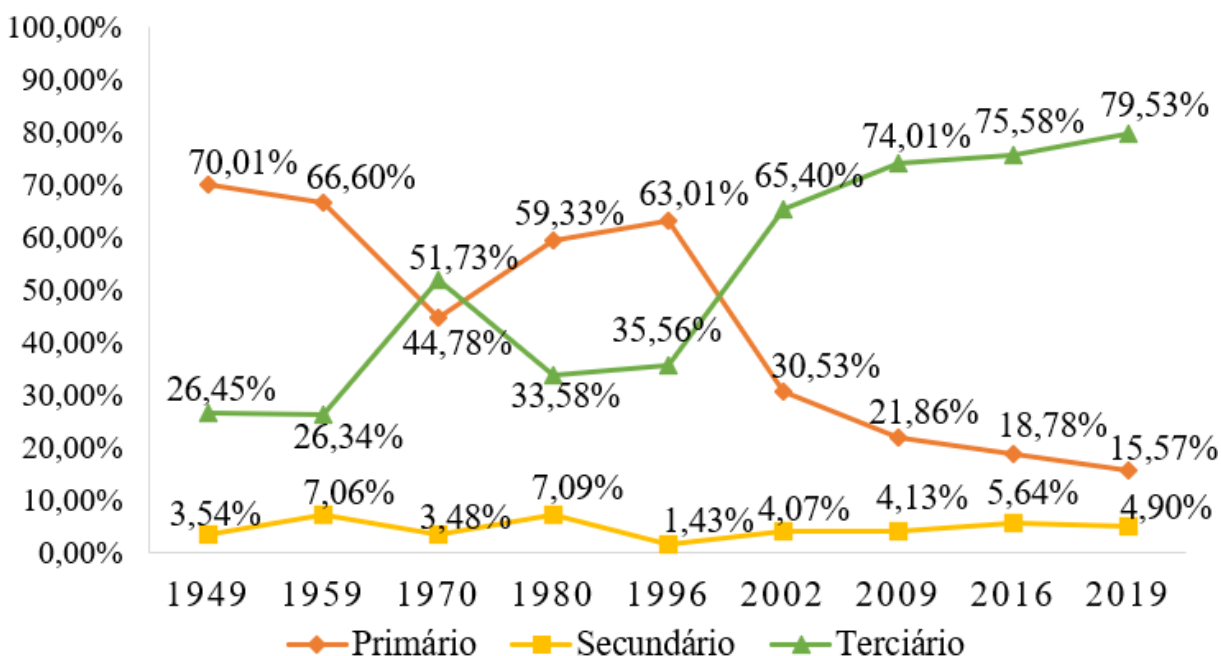
Fonte: IBGE (1970, 1980, 1991, 2000, 2010). Elaboração: Maiara Leandro.

Nos últimos anos, mesmo com funções urbanas restritas, o PIB no setor de comércio e serviço apresenta parcela crescente na economia do município, especificamente, a partir de 2002, com 65,40% no terciário, que saltou para 74,01% em 2009, em 2016 apresentou 75,58% e 2019 chegou a 79,53%, como pode ser verificado no Gráfico 2 (IBGE, 2002, 2009, 2016, 2019). Nesse momento, ocorre uma certa ruptura na dinâmica de produção entre os setores da



o comércio se impõe como atividade principal da cidade, todavia, é preciso considerar que boa parte do setor terciário é sustentado pela administração pública (os serviços públicos). O aumento do valor agregado desse setor envolve além das atividades de comércio e pequenos serviços, certa dependência com relação aos grupos de aposentados e pensionistas com peso expressivo para a economia da cidade. Nesse contexto, entende-se por que o comércio em São Felipe é incipiente e, fortemente dependente tanto da atividade agrícola quanto do serviço público (LEANDRO, 2020).

Gráfico 2 – Percentual do Produto Interno Bruto (PIB), por setores da economia, São Felipe, Bahia, 1949-2019



Fonte: IBGE (1949, 1959, 1970, 1980, 1996, 2002, 2009, 2016, 2019).

Elaboração: Maiara Leandro.

No que se refere ao setor secundário os dados são pouco expressivos. As atividades de produção estão relacionadas aos engenhos de açúcar mascavo e aguardente, bem como casas de farinha de mandioca, que representam tipos de agroindústria tradicional vinculadas a produção e transformação de produtos agrícolas.

Para tanto, mesmo com a especialização de algumas atividades do setor de serviços, são as atividades do setor primário que ocupam a maioria da população de São Felipe. O percentual de trabalhadores ainda vinculados às atividades primárias é predominante, em 2010, 55,67% estavam ocupados na agricultura, extrativismo ou pesca, e 40,77% no setor terciário - comércio ou serviços. Todavia, os valores do PIB por setores devem ser relativizados, principalmente,

porque há divergência, na medida em que a maioria da população está ocupada no setor primário, mesmo esse tendo apresentado menor participação no PIB em 2019 (15,57%), em comparação aos 79,53% do setor de comércio e serviço, pois o valor agregado da agricultura é baixo.

Este fato é corroborado pelos estudos de Moreira Junior (2014), que revelam que as cidades pequenas mantêm forte vínculo com o rural e “[...] a dependência destas cidades em relação ao setor primário é tão significativa que variações nas atividades produtivas do campo reverberam em modificações no espaço intra-urbano” (MOREIRA JUNIOR, 2014, p. 18). Por sua vez, as diferenciações nos setores primário, secundário e terciário indicam particularidades nos processos socioespaciais de produção local e suas influências na reconfiguração do espaço urbano.

No entendimento de Endlich (2006), o desdobramento espacial das atividades amplia as forças produtivas, ao passo que também exige um domínio centralizado e, desse modo, menores núcleos da rede urbana podem ter suas funções reduzidas ou modificadas. “Tanto podem surgir atividades especializadas com um alcance de mercado espacialmente mais amplo, quanto a acessibilidade facilitada a centros urbanos maiores podem reduzir os papéis urbanos das pequenas cidades” (ENDLICH, 2006, p. 86). Assim, deve-se considerar que cada cidade assume uma função principal que interfere diretamente no papel desempenhado na divisão territorial do trabalho.

Nessa perspectiva, ao pensar a cidade de São Felipe, verifica-se que, no contexto da rede urbana do Recôncavo Baiano, mantém certa relação de dependência e acessibilidade facilitada à cidade de Santo Antônio de Jesus, sobretudo, devido à busca por serviços especializados de saúde e melhores condições de emprego. Conforme apontam os dados da pesquisa de campo: do total de entrevistados, 52% afirmam utilizar serviços médicos em outra cidade; desses, 35% recorrem à cidade de Santo Antônio de Jesus. Contudo, esse fluxo não ocorre de maneira homogênea na cidade de São Felipe, visto que existe uma diferenciação dessa prática entre os moradores do Centro e dos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema, pois, 27% dos moradores do Centro afirmaram que se deslocam para atendimento médico em Santo Antônio de Jesus, enquanto 8% dos moradores das áreas mais pobres fazem o mesmo.

Outro dado que denota a relação de São Felipe com outras cidades se revela na afirmação de 57% do total de entrevistados que asseguraram ter o desejo de morar em outra cidade, em busca de melhores oportunidades, principalmente, de emprego. Desses, 23% gostariam de morar em Santo Antônio de Jesus e 17% afirmaram ter o desejo de morar em

Salvador, enquanto os outros 17%, relatam outras cidades, especificamente, relacionadas ao natalício, para onde nutrem o desejo de retornar.

Diante dos fatos, considera-se que “o estudo e a compreensão de pequenas e médias cidades não podem prescindir do entorno espacial, fundamental para compreender a amplitude dos papéis urbanos e a dinâmica regional que realimentam os mesmos” (ENDLICH, 2006, p. 86). Como esclarece Jurado da Silva (2011), as cidades pequenas apresentam suas particularidades como centros diferenciados entre si, bem como no que diz respeito a sua inserção na rede urbana e aspectos mais amplos que lhes são comuns, como inserção na economia de mercado, participação na divisão territorial do trabalho, atendimento das demandas mínimas da população etc. Aspectos esses que apresentam particularidades e caracterizam a dinâmica urbana de São Felipe, conforme os dados apresentados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa revela a importância da análise da (re)produção do espaço da cidade pequena e sua dinâmica urbano-regional, em meio as transformações na urbanização contemporânea. Ao apontar à realidade de uma cidade pequena como São Felipe, influenciada pelas relações de interdependência com o espaço rural e as complexas relações das formas-conteúdo com particularidades que lhes são próprias, sem desconsiderar a influência com outras cidades a partir das relações de interdependência e articulação na rede urbana do Recôncavo Baiano.

Trata-se de uma cidade com especificidade de produção, consumo e (re)produção do espaço urbano diretamente influenciados pelo setor primário. Além de possuir relações mais complexas de interdependência com o espaço rural, pois as atividades agrícolas desenvolvidas no município representam a ocupação da maioria da população e impulsionam a vida comercial no centro urbano, juntamente, com as ocupações provenientes do comércio local e serviços (especificamente, públicos). Bem como, mantém certa relação de interdependência na rede urbana do Recôncavo Baiano, sobretudo, com a cidade de Santo Antônio de Jesus.

Portanto, com a caracterização desses processos de (re)produção do espaço da cidade de São Felipe e sua inserção na rede urbana do Recôncavo Baiano, foi possível apreender importantes elementos da dinâmica urbana desta pequena cidade – formação socioespacial, suas transformações, conteúdos sociais e funções desempenhadas espacialmente. Ao levar em consideração a diversidade das relações estabelecidas pelas cidades pequenas na rede urbana, com realidades tão heterogêneas, desde características particulares quanto às atividades





**desenvolvidas**, sua articulação com outras dinâmicas de cidades e às próprias condições sociais de reprodução da vida. Assim sendo, destaca-se a importância de realizar interpretações sobre a produção do espaço com aprofundamento das discussões sobre a dinâmica da cidade, suas transformações e articulações na rede urbana para compreensão da realidade em sentido amplo.

## REFERÊNCIAS

BACELAR, W. K. de A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global: relações e especificidades sócio-políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG.** 2008. 411f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2008.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **Pequenas cidades na região de Catanduva-SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias.** 2004. 348 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná.** 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

FERREIRA, Sandra Cristina. **Rede urbana, cidades de porte médio e cidades médias: estudos sobre Guarapuava no estado do Paraná.** 2010. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292870>, acesso em: 23 de agosto de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1940.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1950.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1960.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1970.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1980.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2020.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1991**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sidra**: Banco de dados sobre Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, RJ, 1958, p. 304-310.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades pequenas e indústria**: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP. 2011. 282 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

LEANDRO, Maiara Cerqueira. **A produção do espaço da cidade pequena**: das representações socioespaciais à apropriação das práticas cotidianas em São Felipe - BA. 2020. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, Vitória da Conquista, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**: ensaios de Sociologia da História lenta. Ed. Hucitec, São Paulo, 1994.

MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO)**: análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 527 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **As cidades pequenas na Região Metropolitana de Campinas – SP**: dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re) produção do espaço. 2014. 311f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

ROMA, Cláudia Marques. **Segregação socioespacial em cidades pequenas**. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SANTANA, Elissandro Trindade de. MORENGO, Shanti Nitya. A Universidade Federal do Recôncavo como política de desenvolvimento regional no espaço intraurbano de Santo Antônio de Jesus. **GeoTextos**, vol. 8, n. 2. P. 35-57. 2012.

SANTOS, Janio. Urbanização e produção de cidades no/do Território de Identidade Portal do Sertão. **Geografia Ensino & Pesquisa**. UFSM. Santa Maria, v. 24. ed. 6. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/38339>. Acesso em: 21 de setembro de 2022.



SANTOS, Janio. Contribuição teórico-metodológica ao estudo das pequenas cidades, com base em pesquisas sobre a Bahia. In: BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro (org.). **Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas**. 1ed. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 52-84.

SANTOS, Janio. Ações do estado e o papel das cidades médias baianas nos planos da urbanização capitalista. In: DIAS, Patricia C. SANTOS, Janio. (Org.). **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos**. (Publicações SEI). p. 129 -156. Série estudos e pequenas. Salvador, 2012.

SANTOS, Janio. A natureza contraditória da urbanização em um contexto de maior complexidade na produção das cidades baianas. In: LOPES, D. M. F. HENRIQUE, Wendel. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. p. 59-74. (Série estudos e pesquisas, 87). Salvador: SEI, 2010.

SANTOS, Milton. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais - Universidade Federal da Bahia, Imprensa Oficial, 1959.

SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais**. Jundiaí: Paco Editorial: 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Para pensar as pequenas e médias cidades brasileiras**. Belém: FASE/ICSA/UFPA, 2009.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía-NAM (Universidad Nacional Autónoma de México). Distrito Federal, México, nº 54, 2004, p. 114 – 139.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, A. L; CARLOS, A. F; ODETTE, S. (Org.). **Espaço no fim de século: a nova raridade**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 83-99.

TRIOLA, Mario.